



Ministério da Cultura, Governo da Bahia e  **PETROBRAS** apresentam:

8^o PANORAMA

INTERNACIONAL
COISA DE CINEMA

Salvador/Cachoeira • 25 de outubro a 1 de novembro de 2012

IMAGINE UM MUSEU COM TODOS OS MUSEUS.



Petrobras Cultural. Toda a cultura brasileira no mesmo lugar.

A diversidade cultural é um dos principais patrimônios do Brasil. Mais do que isso, ela tem o poder de transformar o país. Por isso, a Petrobras investe na preservação, memória, produção, difusão, formação e na educação para as artes através do Petrobras Cultural. Sempre com rigor e transparência. Saiba mais em www.petrobras.com.br/ppc

Apresentação

O primeiro Panorama Internacional Coisa de Cinema aconteceu em 2002, em Salvador. São dez anos de festival/mostra, sendo que dois deles foram sábaticos. As coisas mudaram muito nesse período. A atividade cultural, de uma forma geral, está mais intensa na Bahia e no Brasil. O cinema se renovou, uma nova geração despontou no curta-metragem e hoje chega ao primeiro longa com muita força.

O cinema brasileiro está mais vivo, ganhou em coragem, mas é notório que o público das salas comerciais continua ignorando esse vigoroso cinema feito no Brasil. Acreditamos, porém, que, logo, a persistência desses novos diretores nos levará a esse encontro. Não irá demorar.

E Pernambuco decidiu liderar esse processo de renovação do cinema nacional. Mescla de um encontro geracional com um ambiente político propício, os filmes pernambucanos invadiram os festivais de Rotterdam, Brasília e da Bahia, entre muitos outros.

Tão instigados que estamos com o que vem pela frente, que não podemos deixar de ver e reconhecer tanta coisa que já foi feita. Nessa edição hot do Panorama, homenageamos a liberdade inventiva da Pornochanchada, tão mal falada durante tanto tempo e que passa a ser vista com bons olhos, finalmente.

Com as nossas itinerâncias, nesses dez anos de história, nós sempre demonstramos nossa “queda” pelo interior do estado. E agora, nos associamos à Universidade Federal do Recôncavo, sediada em Cachoeira, onde o Panorama passa a acontecer simultaneamente. Um grande passo para nós e para o cinema da Bahia.

E, no mais, o Panorama continua o mesmo de sempre: rigoroso (programação, debates), mas divertido (shows e festas). Uma grande semana de cinema para todos nós!

Cláudio Marques e Marília Hughes

Índice

- 3** Apresentação
- 4** Competitiva Nacional
- 14** Competitiva Bahia
- 20** Homenagem à Pornochanchada
- 24** Panorama Brasil
- 31** Panorama Internacional
- 34** Animage
- 37** Comissão de seleção
- 38** Equipe e agradecimentos



**COMPETITIVA
NACIONAL**



Júri

Competitiva Nacional



Eryk Rocha



Miguel Valverde



Violeta Bava

Eryk Rocha nasceu em Brasília, em 1978, e viveu em vários países da América Latina. Estudou cinema na Escola San Antonio de Los Baños, em Cuba, onde realizou “Rocha que voa” (2002), seu primeiro longa metragem selecionado para os festivais internacionais de Veneza, Locarno, Montreal, Rotterdam e Havana, entre outros, e premiado como melhor filme no Festival Internacional É Tudo Verdade. Em 2004, Eryk Rocha realizou o curta-metragem “Quimera”, o filme integrou a competição oficial dos festivais de Cannes (2004) e Sundance (2006) e participou em vários festivais no Brasil e no exterior, como Montreal, Nova York, Bilbao, Coréia do Sul e Havana e recebeu o prêmio de melhor curta-metragem no Festival Internacional de Montevideo (2005). Em 2006, seu segundo longa metragem “Intervalo Clandestino” é selecionado, entre outros festivais, para Montreal, Montevideú, Guadalajara, Popolli, recebendo o prêmio Menção Honrosa Especial no Festival de Guadalajara. Em 2010, lançou o filme “Pachamama” que foi exibido em 15 Festivais Internacionais e ganhou o prêmio de melhor longa metragem documental no Cineport 2009. Em 2011, lança no circuito seu primeiro longa metragem de ficção “Transeunte”. O filme participou do prestigioso Telluride Film Festival no U.S.A. Também participou dos Festivais de Biarritz, na França, Istambul (Túrcia), Havana (Cuba), Guadalajara (México), Marseille (França), Vancouver (Canadá), Amsterdam (Holanda), entre outros. “Transeunte” foi escolhido pela Abraccine (Associação Brasileira de Críticos) o melhor longa-metragem brasileiro de 2011. O filme já ganhou dezoito prêmios em festivais nacionais e internacionais. Entre eles, o prêmio da crítica e de melhor ator no Festival de Brasília 2010, e o prêmio de melhor ópera prima no Festival de Guadalajara, México. Atualmente está lançando “JARDS”, um filme documentário musical feito através do processo de criação do músico e compositor Jards Macalé.

Miguel Valverde nasceu em 1971 em Portimão, Portugal. É licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Fez diversos cursos e workshops de Escrita e Dramaturgia da Imagem e Montagem. Entre 1997 e 2004 programou curtas

metragens para: FICA (Portugal), Skopje International Film Festival (Macedonia), Restart, School of Creativity and New Technologies (Portugal) e para a Zero em Comportamento – Associação Cultural (Portugal). Foi jurado em diversos festivais de Cinema, nomeadamente, Cork International Film Festival (Irlanda), Brest Short Film Festival (França), Uppsala Short Film Festival (Suécia), Curta Cinema (Brasil). Foi membro da comissão permanente de avaliação de projectos de filmes portugueses no Instituto de Cinema e Audiovisual (ICA). Participou em diversos seminários nacionais e internacionais sobre programação de cinema, promoção de filmes e organização de festivais de cinema. Atualmente é um dos diretores/programadores do IndieLisboa – Festival Internacional de Cinema Independente, que fundou em 2003. Ensina ainda Direitos de Autor.

Violeta Bava nasceu em Buenos Aires, Argentina, onde estudou teatro e se graduou, em 2002, em Teoria, Estética e História do Cinema e Teatro pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Trabalhou na área artística do Buenos Aires Festival Internacional de Cine Independente (BAFICI) desde sua primeira edição em 1999. Atualmente, é programadora do Festival e co-diretora do Buenos Aires Lab (BAL), principal mercado de co-produções para projetos de filmes independentes latino-americanos. Co-fundadora do Ruda Cine, uma produtora de cinema focada em filmes de autor latino-americanos. Recentemente, produziu o longa-metragem “Abrir puertas e ventanas” (Back to Stay), de Milagros Mumenthaler, ganhador do Pardo de Ouro de Melhor Filme, Pardo de Prata por Melhor Atriz e Prêmio FIPRESCI no Locarno FF 2011, dentre outros prêmios internacionais. Desde 2002, ensina Estética e Ética do Cinema no Centro de Investigação Cinematográfica, em Buenos Aires. Trabalhou na equipe de programação do Bratislava International Film Festival e colaborou durante três edições para o Locarno FF no programa Open Doors. Além disso, é parte do Advisory Board do Torino Film Lab (Festival Internacional de Cinema de Torino), encarregada dos projetos latino-americanos do Jerusalém Film Lab (Israel). Também é a responsável pelos filmes latino-americanos no Festival Internacional de Cinema de Veneza.

Competitiva Nacional I

Corpos que se movimentam e representam, arte que quer comunicar. Mas qual o lugar da arte? Os filmes reunidos nesse programa questionam e defendem o espaço em que o fazer artístico tem a sua validade, encontra a sua morada, utilizando para isso a própria encenação como carta de princípios, o corpo como linguagem. Como o Exu que abre e tranca portas, orixá do movimento, a arte pede passagem. Seja na persona estranha e fascinante de Jayme Figura, na representação da lenda indígena dos homens transmutados em porcos furiosos ou no registro cotidiano de uma companhia de dança em busca de um lugar ao sol. Indivíduos em mutação e movimento, transformando a vida cotidiana e os próprios corpos em arte. **Rafael Carvalho**



Porcos raivosos

Isabel Penoni e Leonardo Sette, PE, 10', Cor, Digital, 2012



Aanti-performance

Daniel Lisboa, BA, 11', Cor, Digital, 2012



Esse amor que nos consome

Allan Ribeiro, RJ, 80', Cor, Digital, 2012

Porcos raivosos Um grupo de mulheres decide fugir ao descobrir que seus maridos se transformaram misteriosamente em porcos furiosos.

Aanti-performance
Dia Cinza. Vento

Forte. Algo se moveu. Das entranhas do centro antigo as farpas reluziram. A cidade viu sua odiosa e querida entidade voar para a anti performance.

Esse amor que nos

consome Gatto Larsen e Rubens Barbot são companheiros de vida há mais de 40 anos e acabam de se instalar em um casarão abandonado no Centro do Rio de Janeiro. Ali, eles passam a viver e ensaiar

a sua companhia de dança. A luta do dia-a-dia se mistura à criação artística e à crença em seus orixás. Através da dança eles se espalham pela cidade, marcando seus territórios.

Competitiva Nacional II

Mulheres potentes, em depressão, em transe. Três filmes de climas e gradações próprias que dialogam no diferente estado de suas protagonistas. E na força, inteligência e talento de seus realizadores. Juliana Rojas escancara a porta do horror sem medo de ser menor por fazer gênero, um antigo e arraigado preconceito que o cinema brasileiro sempre conviveu. Gabriela Amaral flerta há tempos com o insólito, a estranheza de nossas vidas comuns e banais. Nem um ursinho de pelúcia para nos salvar. Do fundo do poço à alegria inebriante das hiper mulheres do Alto Xingu, que se colocam em pé de igualdade e até mesmo se sobrepõem aos homens de pênis pequeno. **Cláudio Marques**



Amão que afaga

Gabriela Amaral Almeida, SP, 19', Cor, 35 mm, 2012



Oduplo

Juliana Rojas, SP, 25', Cor, 35mm, 2012



As hiper-mulheres

Carlos Fausto, Leonardo Sette, Takumã Kuikuro, PE, 80', Cor, Digital, 2011

Amão que afaga

No aniversário de 9 anos de seu único filho, Lucas, a operadora de telemarketing Estela planeja uma festa que tem poucas chances de dar certo.

O duplo Silvia é uma

jovem professora em uma escola de ensino fundamental. Certo dia, sua aula é interrompida quando um dos alunos vê um duplo da professora andando no outro lado da rua. Silvia tenta ignorar a aparição, mas este evento perturba-

dor passa a impregnar seu cotidiano e alterar sua personalidade.

As hiper-mulheres

Temendo a morte da esposa idosa, um velho pede que seu sobrinho realize o Jamurikumalu, o maior ritual feminino

do Alto Xingu (MT), para que ela possa cantar uma última vez. As mulheres do grupo começam os ensaios enquanto a única cantora que de fato sabe todas as músicas se encontra gravemente doente.

Competitiva Nacional III

Convidaram o menino do quinto andar para uma festa na casa do tio rico. As tias, primos e primas chapavam-se de carne e uísque. Tão doidos, que desatentos aos que os cães viam. Mas, tudo bem, pois a mesma câmara de vídeo que flagra o porteiro do prédio dormindo em serviço irá revelar algo depois que todos acordarem de ressaca... se é evidente que os personagens desses três filmes poderiam se conhecer e se encontrar um no filme do outro, vale observar as diferenças em se abordar, pensar e refletir a classe média brasileira. Do humanismo dardeniano de Wallace Nogueira e Marcelo Matos, passando pela arma apontada na cara de Guto Parente até o humor corrosivo de Kleber Mendonça. Uma sessão marcante! **Cláudio Marques**



Menino do cinco

Marcelo Matos de Oliveira e Wallace Nogueira, BA, 20', Cor, Digital, 2012



Dizem que os cães vêem coisas

Guto Parente, CE, 13', Cor, Digital, 2012



O som ao redor

Kleber Mendonça Filho, PE, 131', Cor, Digital, 2012

Menino do cinco

Ricardo finalmente encontra um amigo, mas ele não pode ser seu.

Dizem que os cães vêem coisas Um presságio, fragmento de tempo apenas, porque logo o homem gordo, de

ventre imenso, saltou dentro da piscina com o copo de uísque na mão.

O som ao redor

A vida numa rua de classe-média na zona Sul do Recife toma um rumo inesperado

após a chegada de uma milícia que oferece paz de espírito e segurança particular. A presença desses homens traz tranquilidade para uns e tensão para outros, numa comunidade que parece temer muita coisa. Enquanto isso,

Bia, casada e mãe de duas crianças, precisa achar uma maneira de lidar com os latidos constantes do cão de seu vizinho. Uma crônica brasileira, uma reflexão sobre história, violência e barulho.

Competitiva Nacional IV

Nada diz tanto do que fomos e o que somos quanto essa complexa intimidade construída entre patrão e empregado doméstico. A construção de uma família de 'segunda classe', o medo por se ver substituído pelo empregado (a rebelião escrava), situações de afeto e crueldade cotidianas que se tornam assimiladas por ambos os lados com a naturalidade de uma tradição secular. Poucos estudos dariam conta melhor dessa relação que os três filmes reunidos nessa sessão. Abordagens distintas, mas que nos conduzem magistralmente ao que interessa, a um tema por tanto tempo varrido para de baixo do tapete. **Marília Hughes**



Pra eu dormir
tranquilo

Juliana Rojas,
SP, 15', Cor,
35mm, 2011



Luna e
Cinara

Clara Linhart,
RJ, 13', Cor,
Digital, 2012



Doméstica

Gabriel Mascaro,
PE, 76', Cor,
Digital, 2012

Pra eu dormir

tranquilo Luís é um garoto de 8 anos que está lidando com a morte de Dora, sua babá. Certa noite, Dora reaparece em seu armário dizendo que voltou para cuidar dele. Agora o

garoto terá que fazer grandes esforços para manter Dora ao seu lado.

Luna e Cinara

Luna e Cinara vão ao cinema.

Doméstica

Sete ado-

lescentes assumem a missão de registrar por uma semana a sua empregada doméstica e entregar o material bruto para o diretor realizar um filme com essas imagens. Entre o choque da intimidade,

as relações de poder e a performance do cotidiano, o filme lança um olhar contemporâneo sobre o trabalho doméstico no ambiente familiar e se transforma num potente ensaio sobre afeto e trabalho.

Competitiva Nacional V

As pessoas se encontram e arrancam coisas e afetos umas das outras. Se amam, maltratam e desaparecem, ficam off-line. Missão das mais árduas é fazer um filme de amor e não ser cafona. Ou ser belamente cafona. Para muitos, talvez seja cafonice guardar o sono do amado e sorrir ao vê-lo chorar sem motivo aparente. Ou largar tudo em desespero de causa e partir para o interior em busca da mulher amada. Ou negar ficar com a gatinha na praia por ter no coração ainda o desejo de encontrar sua namorada, que foi ao banheiro na festa e nunca mais retornou. Esses três filmes formam uma sessão amorosa e dolorida, em meio a uma arquitetura estranha de cidades sempre violentas e que nos espreme. **Marília Hughes**



Os mortos vivos

Anita da Silveira,
RJ, 20', Cor,
35mm, 2012



Na sua companhia

Marcelo Caetano,
SP, 21', Cor,
35mm, 2011



Boa sorte, meu amor

Daniel Aragão,
PE, 95', P&B,
35mm, 2012

Os mortos vivos

Bia está off-line. As mensagens enviadas serão entregues quando Bia estiver on-line.

Na Sua Companhia

A noite e a solidão cheias do diabo. Aí chega você e a agridoce vida.

Boa sorte, meu amor

Dirceu, 30 anos, tem origens que remontam à aristocracia latifundiária do sertão pernambucano. Conformado numa espécie de amnésia subjetiva, ele tenta enterrar o passado de sua família. Dirceu vive

no Recife, uma cidade cuja paisagem sofre um descontrolado processo de transformação, em parte graças ao seu trabalho numa empresa de demolição. Maria compartilha as mesmas origens sertanejas, mas ela usa a cidade para

outro propósito. Ela é uma despojada estudante de música com alma de artista. Se Dirceu aspira a um mundo estável e presente, Maria vive em discordância com o presente. Para ela, nada é como deveria ser.

Competitiva Nacional VI

A vida em seus diferentes estágios. “Laje do Céu” mescla a curiosidade da infância com a melancolia da velhice. “A onda traz, O vento leva” nos aproxima das limitações e possibilidades humanas. Em “Otto”, a origem de tudo. Quais serão os desafios e limites dessa nova vida? **João Paulo Barreto**



Laje do céu
Leo França, BA, 15',
Cor, Digital, 2012



**A onda traz,
o vento leva**

Gabriel Mascaro,
PE, 25', Cor,
Digital, 2012



Otto
Cao Guimarães,
MG, 71', Cor e P&B,
Digital, 2012

Laje do céu Vento na cara, no vestido e no espelho. Sussurros. No avançar de imagens no retrovisor da memória, uma cidade se apresenta em suas ausências. O filme constrói um tempo estilhaçado, que

avança retornando e retorna avançando. Lugar imaginário que existe.

A onda traz, o vento leva Rodrigo é surdo e trabalha em uma equipadora, instalando som em carro. O

filme é uma jornada sensorial sobre um cotidiano marcado por ruídos, vibrações, incomunicabilidade, ambigüidade e dúvidas.

Otto Otto é um filme que acompanha o

processo de gravidez da minha mulher e o nascimento de meu filho. Instintivo e visceral como um gesto. Intimista e confidente como um diário filmado. Uma celebração à vida, um filme de amor.

Competitiva Nacional VII

O vazio deixado por alguém próximo que se foi - como lidar com ele? Independentemente de como a relação foi construída, sempre que esse laço é desfeito, lá está a ausência, como um elefante branco impossível de ignorar. No caso de pais e filhos, essa sensação é ainda mais intensa. Por diferentes óticas, as obras de Jardel Tambani, Ivo Lopes, Luiz Pretti, Clarissa Campolina e Caetano Gotardo dialogam entre si sobre esse sentimento único de perda e o modo como o encaramos de formas bem pessoais. **Rafael Saraiva**



Ausência
Jardel Tambani,
SP, 8', Cor,
Digital, 2012



Odete
Ivo Lopes Araújo,
Luiz Pretti, Clarissa
Campolina, CE, 16',
Cor, Digital, 2012



O que se move
Caetano Gotardo,
SP, 97', Cor,
35mm, 2012

Ausência

Após 14 anos da morte do pai, filho volta para cidade natal no interior de Santa Catarina a procura da árvore onde seu pai foi encontrado.

Odete

Odete está presa entre seu passado e seu futuro. Ela viaja, mas não está em movimento. Ela se depara com um abismo e se pergunta se sairá de lá viva.

O que se move

Três núcleos familiares precisam lidar com uma mudança brusca em suas vidas. Um olhar sobre os afetos que movem essas famílias e as três mães que cantam o amor por seus filhos em momentos difíceis.

Competitiva Nacional VIII

Num sertão imaginário, sob um céu de Van Gogh, um garoto cumpre sua procura diária por água. Na Ceilândia (DF), Dildu é candidato ao cargo de administrador distrital (em tempo de campanha, nada melhor para nos mostrar o que realmente nos diz respeito). Enquanto isso, Dona Sônia acaba de decidir-se por uma vingança brutal. Indivíduos que não desistem, apesar das adversidades. **João Paulo Barreto**



**Dia
estrelado**

**Nara Normande,
PE, 17', Cor,
35mm, 2012**



**Dona Sônia
pediu uma
arma para
seu vizinho
Alcides**

**Gabriel Martins, MG,
18', Cor, Digital, 2012**



**Acidade é
uma só?**

**Adirley Queirós,
DF, 80', Cor,
Digital, 2011**

Dia estrelado

Em uma região inóspita, um menino e sua família lutam por sobrevivência.

**Dona Sônia pediu
uma arma para
seu vizinho Alcides**
Dona Sônia
quer vingança...

A cidade é uma só?

Daí eu pensei em
como fazer um
filme bem legal,
agradável e
gângster:
Brasília, I Love You.

**COMPETITIVA
BAHIA**



Júri

Competitiva de Filmes Baianos

Alberto Iannuzzi se graduou em direção de fotografia pela International Film School of the Three Worlds, em Cuba. Alguns dos trabalhos em que se envolveu foram premiados em festivais como o de Venice, Cannes 2003 “Semaine de La Critique”, Berlim, Roma, entre outros.

Gláucia Soares nasceu e estudou jornalismo e cinema no Rio de Janeiro. Viveu onze anos em Fortaleza onde trabalhou como montadora, assistente de direção, continuista e realizou seus primeiros trabalhos como diretora que participaram de diversos festivais nacionais e internacionais. No Ceará, implantou e coordenou os três primeiros anos da Escola de Audiovisual da Vila das Artes, concluiu a Especialização em Audiovisual e Mídias Eletrônicas da UFC e participou do coletivo Alubrimento com mais 12 artistas audiovisuais de Fortaleza. Há quase três anos vive em Rio de Contas, no sul da Chapada Diamantina, onde coordena em parceria com Maurizio Morelli a programação artística e cultural do Espaço Imaginário. Atualmente se interessa pelo cruzamento entre o audiovisual e as artes visuais.

Guilherme Sarmiento é professor Adjunto de Dramaturgia e Narrativas Audiovisuais na UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), co-dirigiu “Conceição Ou Autor Bom é Autor Morto”, primeiro longa produzido pela UFF. Tem experiência como roteirista de longas e curtas-metragens cinematográficos, como “Sudoeste” e “A infância da Mulher”, ambos premiados em editais ou festivais de cinema. Na UFRB, edita a revista eletrônica Cinecachoeira.



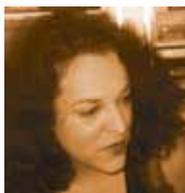
Alberto Iannuzzi



Gláucia Soares



Guilherme Sarmiento



Carolini Assis



Fernando Bélens



José Araripe Jr

Júri

ABCV/ ABD-BA

Carolini Assis nasceu em Valença-Bahia. Graduada em Jornalismo com especialização em Roteiros para TV e Cinema. Sua formação audiovisual também deriva da Escola de Cine YTV de San Antônio de Los Baños, em Cuba, onde cursou Realização Cinematográfica. Escritora, ghost-writer, roteirista de TV. Atualmente é Diretora Institucional da Associação Baiana de Cinema e Vídeo (ABCV). Prepara-se para lançar seu primeiro livro de contos eróticos *A Santa que Geme nas Estações* e está trabalhando na adaptação do livro *Bye Bye Babilônia* para longa.

Fernando Bélens nasceu em Poçoas-Ba. Diretor de teatro e cinema, fez parte da chamada “Geração Super-8” onde produziu e dirigiu vários filmes, os mais significativos foram *Viva o Cinema*, *Ora bombas*, *Crianças do Morro da Sereia* e a série *Experiência I/V*. Foi membro do grupo *Lumbra*, junto a Edgard Navarro, Pola Ribeiro e José Araripe. Entre seus filmes em 16 e 35mm, os mais premiados foram *Fibra*, *Anil*, *Heteros*, *A Comédia*, *A Mãe*, com Umbelino Brasil, Pixaim e o longa-metragem *Pau Brasil* em fase de lançamento. Recebeu prêmios nos Festivais de Cinema de Gramado, Brasília, São Luís, Havana, Chicago, Toronto e Curitiba. Atualmente escreve o roteiro para o seu próximo longa.

José Araripe Jr. é graduado em Artes plásticas com especialização em cinema. Assinou a Direção de Arte de filmes baianos, a exemplo de *A Lenda do Pai Inácio*, *Heteros*, *A Comédia*, *Superoutro* e *Samba Riachão*. Roteirista e diretor de curtas e longas premiados, entre eles *Mr. Abrakadabra!*, *Radio Gogó*, *O Pai do Rock e Esses Moços*. Entre 2005 e 2007 exerceu a gerência do Centro Técnico Audiovisual do Ministério da Cultura/RJ. Foi Gerente Executivo de Conteúdo e Gerente de Programas Especiais Jornalísticos da TV Brasil/RJ entre 2008 e 2012. Exerce, no momento, a Direção de Programação e Conteúdos da TVE Bahia.

Competitiva Bahia I

A inocência da infância no interior e o pessimismo da inexistência da salvação. O encontro de dois temas tão distintos dá o tom desse programa da competitiva baiana. “Rua dos Bobos” faz uma releitura de uma canção clássica do imaginário infantil, que poderia ter sido muito bem entoada pelas crianças de “O Velho e os Três Meninos” e “A Descoberta” - infâncias tão distintas, mas que habitam universos semelhantes, assim como o dos estudantes especiais de “O Cadeado” e seus desafios cotidianos. Mas em seguida é hora de dar vazão ao lado sombrio - e o medo quase palpável da morte em “Premonição” é levado a proporções apocalípticas em “Arremate” - teria a alma humana redenção? “Amém” mostra que talvez nem infinitas preces em bancos de igreja tragam a paz de espírito desejada. **Rafael Saraiva**



Rua dos Bobos

Ohana Almeida,
7', P&B,
Digital, 2011



Ovelho e os três meninos

Henrique Filho,
18', Cor,
Digital, 2012



A descoberta

Ernesto Molinero,
15', Cor,
35 mm, 2012

Rua dos Bobos

Uma mulher, presa a um ambiente que representa o seu inconsciente, passa por um processo de desapego das convenções sobre o espaço e os objetos.

O velho e os três meninos

Três meninos entram em uma mansão para roubá-la. Ao se depararem com uma diversidade de comida, brinquedos e

objetos luxuosos da casa, os meninos entram num clima de diversão e começam a brincar. Mas a casa não estava vazia.

A descoberta

Em uma pequena cidade, um

menino não entende porque seu cachorro desapareceu. Enquanto ele tem que se desfazer dos objetos do melhor amigo, vai viver uma grande descoberta.

Competitiva Bahia I



O Cadeado

Leon Sampaio,
12', Cor,
Digital, 2012



Premonição

Pedro Abib,
13', Cor,
35mm, 2011



Amém

Marcus Curvelus,
5', Cor,
Digital, 2012



Arremate

Rodrigo Luna,
8', Cor,
Digital, 2012

O cadeado

Escola pública, zona rural. Um cadeado bloqueia a entrada de alunos e professores.

Premonição

Um botequim,

ambientado na década de 1950 no Pelourinho em Salvador, é o cenário dessa narrativa que persegue, na angústia da preeminência da morte, as

incertezas e medos presentes na alma. Seu Antero (Antonio Pitanga), dono do botequim, atende a um estranho freguês (Aginaldo Lopes) transformando a atmosfera do

lugar, num clima de angústia e medo.

Amém Uma missa.

Arremate Um homem considera as ofertas especiais de um exterminador muito tentadoras.

Competitiva Bahia II

Abusos e preconceitos revelados numa sociedade ainda despreparada para lidar com a diversidade. Essa é uma constância dos filmes iniciais deste programa, que fazem denúncia ainda necessária. Em “Joelma” e “Desvelo” os descaminhos de quem luta contra as normatividades socialmente impostas esbarram sempre na estupidez humana, o mal a se combater. Com “Isso Não é o Fim” as imagens do submundo de uma cidade grande encontram os tipos marginalizados que circulam em torno de um mesmo ambiente, onde há escória e também calor humano. Mas o psicológico também aprisiona e castra desejos, “Entre Passos” de um sonho a se realizar, surge o embate contra traumas do passado. Mas “Es4escape”, no seu diálogo anarquista de contestação da ordem social, põe em xeque o status quo. Chacoalha essa mesma sociedade que condena e restringe liberdades. **Rafael Carvalho**

Entre passos

A dor na infância; O silêncio no medo; As bailarinas no chão; O refúgio na memória.

Desvelo

Luzia se apaixona por Léo, mas para viver esse amor precisa fugir da cidade em que vive e do ciúmes de seu ex namorado, Diogo. Durante o caminho, o casal passa por aventuras onde Luzia descobre a verdadeira identidade de Léo.

Joelma

Joelma, transexual, uma vida marcada por conflitos. Diante das divergências vividas no lar, é posta pra fora de casa e resolve se mudar para Salvador. Conhece Antônio, mendigo, e passam a viver juntos. Ao realizar a Cirurgia de Redesignação Sexual, resolve retornar à Ipiáú, sua cidade natal e vê todos os seus sonhos serem destruídos por João, pivô do assassinato que mudará sua história.

Isso não é o Fim

Curta metragem rodado em São Paulo sobre um homem solitário que trabalha alugando um banheiro para os frequentadores da rua mais underground do país, a rua Augusta.

Esc4escape

Quatro sociopatas buscam uma saída para suas inquietações numa cidade repleta de pessoas programadas para nascer e morrer. Assim como seus personagens o filme procura dialogar com seus detratores e público multiplicador, no badalado mundo das artes e cinema.

Competitiva Bahia II



Entre passos
Elen Linth, 10',
Cor, Digital, 2012



Desvelo
Clarissa
Rebouças, 15',
Cor, Digital, 2012



Joelma
Edson Bastos,
20', Cor,
Digital, 2011



Isso não
é o fim
João Gabriel, 12',
Cor, Digital, 2011



Esc4escape
Alexandre Guena,
20', Cor,
Digital, 2011

HOMENAGEM À
**PORNO
CHAN
CHADA**



No tempo das pornochanchadas ou quando era gostoso de ver

Por Adolfo Gomes

“O cinema é para quem não tem nada”, já dizia o crítico Rodolfo Brandão. Houve um tempo em que isso era a mais pura verdade, não só para os espectadores, cinéfilos e destituídos em geral, mas para quem se aventurava a fazer filmes como qualquer assalariado que luta pela sobrevivência. À margem do mecenato oficial, das leis de incentivo e das motivações estritamente artísticas, o cinema brasileiro conheceu o seu até hoje único modelo de produção e distribuição independente e rentável. Era gostoso de ver, os ingressos mais baratos que uma passagem de ônibus e as salas de exibição lotadas garantiam o pagamento das promissórias e toda sorte de empréstimos que faziam aquela indústria mambembe

continuar a funcionar, sem projetos, só com ideias, algumas, diga-se de passagem, entre as mais infames e oportunistas já pensadas.

Mas ninguém sairia impune diante de tais transgressões e logo um termo foi cunhado para agrupar aquelas impertinências populares... não importava o tema, o estilo, o gênero... se o cineasta era um jovem intelectual marginalizado pelas políticas culturais (leia-se as panelinhas ideológicas da época) ou um ex-eletricista que sabia como ninguém manejar uma câmera... Se havia nudez e as medidas e formas dos atores valiam mais que seus talentos dramáticos... tudo aquilo era Pornochanchada. Felizmente!

Graças a esse rótulo hoje podemos reunir uma seleção de filmes, entre os mais variados, inventivos e famélicos que se tem notícia por estas bandas. Da sugestão picaresca ao sexo simulado e por fim o hardcore, as pornochanchadas tiveram uma instigante trajetória que agora refazemos com a mesma liberdade daqueles que sobreviveram à sua própria reputação.

Homenagem à Pornochanchada



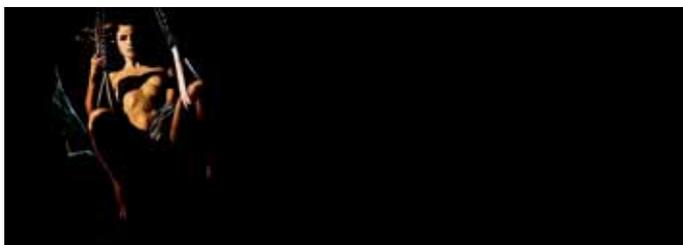
Fuk fuk à brasileira

Jean Garrett, São Paulo, 80', 35mm, Cor, 1986
Classificação: 18 anos



Império do desejo

Carlos Reichenbach, São Paulo, 95', 35mm, Cor, 1980
Classificação: 18 anos



Karina, objeto de prazer

Jean Garret, São Paulo, 84', DVD, Cor, 1982
Classificação: 18 anos

Fuk fuk à brasileira

Anão telepata é adotado por um casal praticante de orgias. Um dia, a mulher se recusa a lubrificar o ânus para o marido com margarina – ela só gosta de manteiga – e ele decide então sodomizar o pobre anão, que escapa do assédio pela privada e vai viver uma verdadeira odisséia com direito a lusitanos pansexuais, naves de formato fálico e outras aberrações eróticas.

Império do desejo

Viúva de rico vai ao litoral com o intuito de reaver um imóvel do falecido marido, que fora tomado por grileiros. Na viagem, conhece um casal de hippies e os convida para trabalharem como caseiros na casa de praia.

Karina, objeto de

prazer Filha de um pescador, Maria do Carmo é comprada por Rufino, que a prostitui sob o nome de Karina. Lucas, outro marginal, interessa-se por ela e passa a tentar conquistar seus favores, mas em vão. Numa partida de pôquer, Rufino aposta Karina com Lucas e perde, mas ela não quer entregar-se ao vencedor e Rufino a espanca

violentamente.

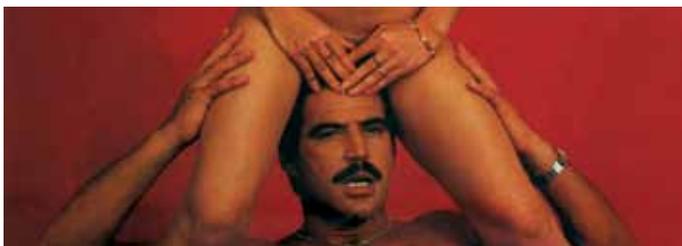
Karina mata-o. Na prisão, tem pesadelos, recordando os tempos em que viveu com Rufino. Conhece a advogada Sheila, que se propõe a defendê-la e consegue autorização para levá-la para sua casa à beira-mar. A amizade entre as duas vai se transformando em relação sexual.

Homenagem à Pornochanchada



Ninfas diabólicas

John Doo, São Paulo, 85', 35mm, Cor, 1978
Classificação: 18 anos



Senta no meu que eu entro na tua

Ody Fraga, São Paulo, 90', 35mm, Cor, 1985
Classificação: 18 anos



Volúpia de mulher

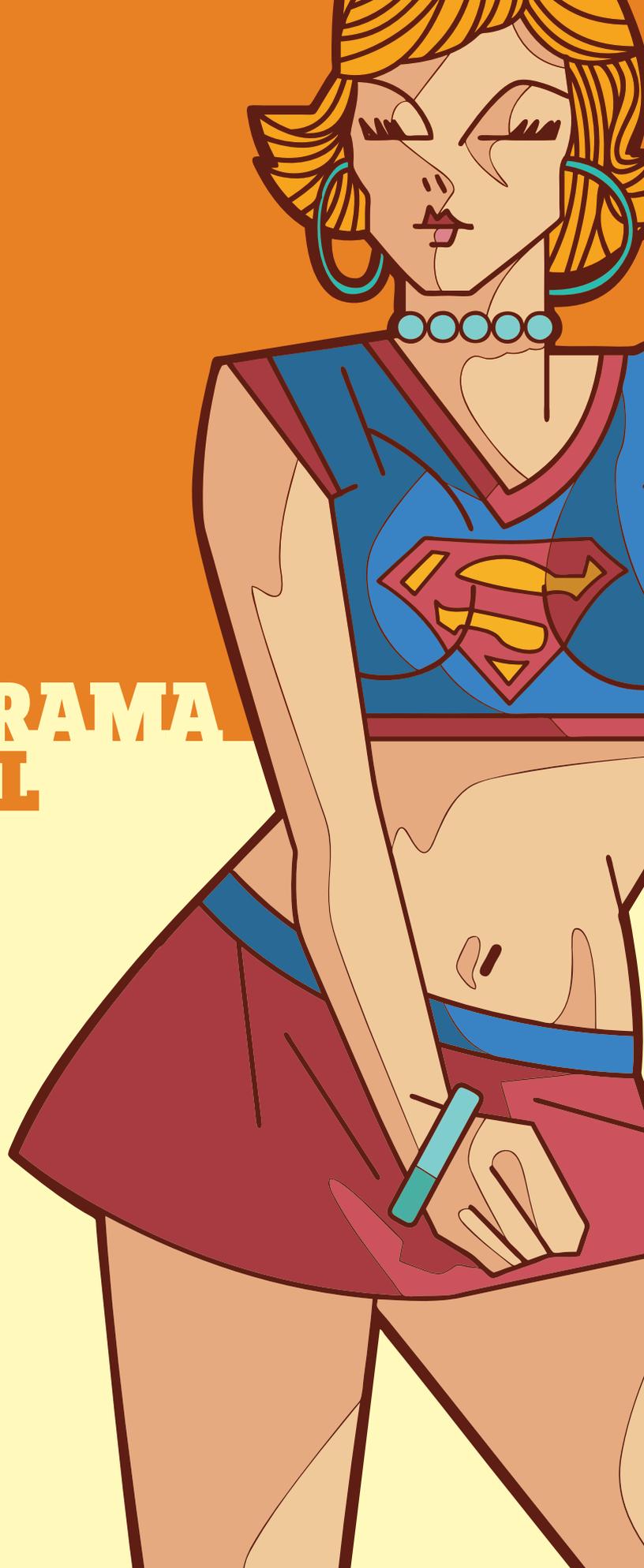
John Doo, São Paulo, 85', 35mm, Cor, 1984
Classificação: 18 anos

Ninfas diabólicas Pai de família respeitável é assediado por duas jovens estudantes quando segue em viagem de negócios para o litoral. Depois de pedir carona, elas o seduzem e o levam até uma praia deserta onde, inesperadamente, fatos estranhos e perturbadores começam a acontecer. Bruxaria, suspense, demonismo, horror e fortes doses de erotismo marcam a estreia de John Doo na direção de cinema.

Senta no meu que eu entro na tua Comédia de sexo explícito em dois episódios: Alô, buça – uma mulher liberal se assusta quando sua vagina começa a falar, afetando sua vida social; e O unicórnio - um homem é traído pela mulher, mas ao invés de um chifre, um pênis nasce em sua cabeça.

Volúpia de mulher A saga de uma jovem interiorana expulsa de casa por ter engravidado. A moça vai para a capital, onde é acolhida por um travesti decadente. Na cidade grande, a jovem dá à luz seu bebê e se apaixona por um rico arquiteto.

**PANORAMA
BRASIL**



Panorama Brasil



A vida noturna das igrejas de Olinda

Mariana Lacerda,
PE, 19', Cor,
Digital, 2012



Adorável criatura

Dellani Lima,
MG, 9', Cor,
Digital, 2012



A febre do rato

Cláudio Assis,
PE, 90', P&B,
35mm, 2011

A vida noturna das igrejas de Olinda
Quando anoitece em Olinda.

Adorável criatura
Pelo que você morreria?

A febre do rato
Febre do Rato é uma expressão popular típica da cidade do Recife que designa alguém quando está fora de controle, alguém que está danado. E é assim que Zizo, um poeta inconformado e de atitude anarquista,

chama um pequeno tablôide que ele publica as próprias custas. Vivendo em um mundo particular, Zizo se depara com Eneida, uma jovem de aproximadamente 18 anos, que instiga e promove a transformação do poeta.

Panorama Brasil



As horas vulgares

Rodrigo de Oliveira e Vitor Graize, ES, 123', P&B, Digital, 2011



Água de Meninos - A feira do Cinema Novo

Fabiola Aquino, BA, 52', Cor, Digital, 2012



Ardor irresistível

Ava Rocha, RJ, 72', Cor, Digital, 2011



Barbeiros

Luiz Ferraz e Guilherme Aguilar, 16', Cor, Digital, 2012

As horas vulgares

Lauro (João Gabriel Vasconcelos) é um jovem pintor em crise. Casado com Erika (Julia Lund), ele acaba de sair de um período turbulento, para o qual acredita ter encontrado uma solução. Numa noite, Lauro reencontra Théo (Rômulo Braga), seu melhor amigo, e anuncia que aquele é o dia em que morrerá. Ambos dividiram um

amor no passado, Clara (Thais Simonassi), que abandonou a cidade. E é pela cidade, pela noite vazia de Vitória, que os dois encontrarão os amigos antigos, como Júlia (Sara Antunes), Fra (Higor Campagnaro), Gil (Murilo Abreu) e Negro (Raphael Sil), ou recém-descobertos, como Ana (Tayana Dantas). A jornada pela memória e pelo desencanto, regada a bebida, sonhos

e jazz, terminará junto com a noite, e talvez, Lauro não sobreviva a ela.

Água de Meninos - A feira do Cinema Novo

O documentário relembra os filmes "Sol Sobre a Lama" e "A Grande Feira", que retratavam as condições de vida da sociedade baiana na década de 60, e seu principal cenário era a Feira de Água de Meninos que

foi incendiada. Atualmente a Feira de São Joaquim e seus feirantes vivem situações semelhantes às representadas nos filmes do Cinema Novo, em paralelo aguardam com esperança o início da revitalização e ampliação da maior feira livre da Bahia.

Ardor irresistível Um filme alquímico, documentário e ficção, a partir da passagem do Teatro

Panorama Brasil



Corpo presente

Marcelo Toledo e Paulo Gregori, 75', Cor, Digital, 2012



Di Melo - O imorrível

Alan Oliveira e Rubens Pássaro, PE, 24', Cor, Digital, 2012



Epifânio

Glauca Barbosa, CE, 23', Cor, Digital, 2012



Estradeiros

Sergio Oliveira e Renata Pinheiro, 79', Cor, Digital, 2011

Oficina por Canudos para apresentação da peça "Os Sertões", cujo encontro entre uma trupe de artistas e o público canudense resulta na sublevação de um novo sertanejo. Um musical épico onde a ARTE vence a Guerra.

Barbeiros Em plena São Paulo de 2011, ainda é possível encontrar barbeiros que se mantêm fiéis ao trabalho

artesanal, em salões impregnados de rituais aprendidos há décadas, resistindo à massificação da metrópole. Orgulhosos de sua perícia, eles respeitam o código da cortesia, reservando tempo também para uma pequena prosa.

Corpo presente Cynthia adora dançar. Trabalha como manicure em um pequeno salão de beleza da Rua

Augusta. Está juntando dinheiro para estudar butoh no Japão. Alberto é agente funerário. Enquanto foge dos agiotas, tenta escapar da realidade com o uso de remédios. Beatriz trabalha na fábrica em meio período e adora tatuagens. Ela nunca realiza seus desejos. À noite uma tempestade cai sobre a cidade.

Di Melo - O imorrível

Conta a vida e a trajetória de Di Melo, que tendo gravado um único disco em 1975 e sumido, reaparece depois de mais de trinta anos para declarar-se Imorrível.

Epifânio O amor é um cabra tão malvado. A gente espera que o amor seja bom até o fim.

Estradeiros Terra à vista.

Panorama Brasil



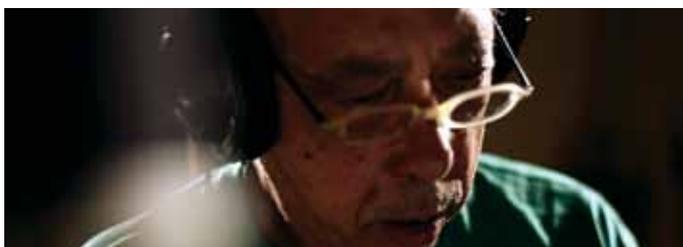
Histórias que só existem quando lembradas

Julia Murat, Brasil, Argentina, França, 98', Cor, 35mm, 2011



HU (HU enigma)

Pedro Urano e Joana Traub Cseko, 78', Cor, Digital, 2011



Jards

Eryk Rocha, RJ, 90', Cor e P&B, Digital, 2012



Licuri surf

Guile Martins, 15', Cor, Digital, 2011

Histórias que só existem quando lembradas

Como todos os dias, Madalena faz pão para o armazém do Antônio. Como todos os dias ela atravessa o trilho, onde o trem já não passa há anos, limpa o portão do cemitério trancado, ouve o sermão do padre, e almoça junto com os outros velhos habitantes da

cidade. Vivendo da memória do marido morto, Madalena é acordada por Rita, uma jovem fotógrafa que chega na cidade fantasma de Jotuomba, onde o tempo parece ter parado.

HU (HU enigma)

Um edifício partido ao meio. De um lado, o hospital; do outro, a ruína. E no

horizonte, a Baía de Guanabara, o Rio de Janeiro, a saúde e educação públicas. Inteiramente filmado no monumental e apenas parcialmente ocupado prédio modernista do Hospital Universitário da UFRJ. Uma metáfora em concreto armado da esfera pública brasileira.

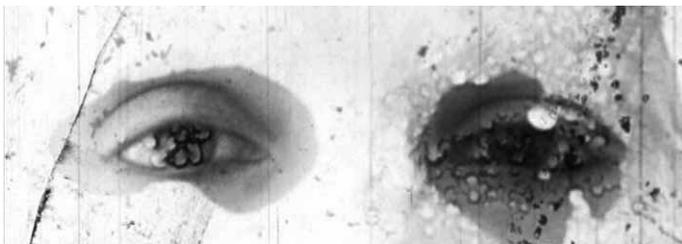
Jards Jards é um ensaio poético musical através do compositor e músico Jards Macalé. O filme celebra o instante do processo criativo do artista, a afinação, repetição, a improvisação dos instrumentos. O fluxo do homem e a música. O êxtase e a solidão do artista que co-existem num entrelaçamento

Panorama Brasil



Meu amigo mineiro

Victor Furtado e Gabriel Martins, CE/MG, 23', Cor, Digital, 2012



Orwo foma

Karen Black e Lia Letícia, RJ, 4', P&B, Digital, 2012



Os barcos

Caetano Gotardo e Thais de Almeida Prado, SP, 23', Cor, Digital, 2012



Pátria

Fabio Meira, 26', Cor, Digital, 2012

constante entre arte e vida.

Licuri surf

Uma aventura pelo litoral brasileiro, na companhia de um Pataxó surfista que vive numa praia sem ondas.

Meu amigo mineiro

Gabito, tô te esperando pra conhecer minha

cidade. Chega aí! Vitim.

Orwo foma

Tudo é lindo em uma mulher.

Os barcos

Vi folhas que se moviam. Pensei: "É um pássaro em seu ninho". Separei as folhas e olhei; mas não havia pássaro nenhum. As folhas continuavam a se

mover. Fiquei assustado. Enquanto corria, cada vez mais depressa, eu gritava. O que movia as folhas? O que move meu coração, minhas pernas?

Pátria Um filme sobre o histórico confronto entre Brasil e Cuba no voleibol feminino

nas Olimpíadas de Atlanta em 1996. O episódio foi o ápice da rivalidade entre os dois países no esporte. O documentário conta os bastidores da época, a antiga amizade, as diferenças políticas e econômicas a partir de entrevistas com jogadoras como Ana Moser, Márcia Fu e Mireia Luís.

Panorama Brasil



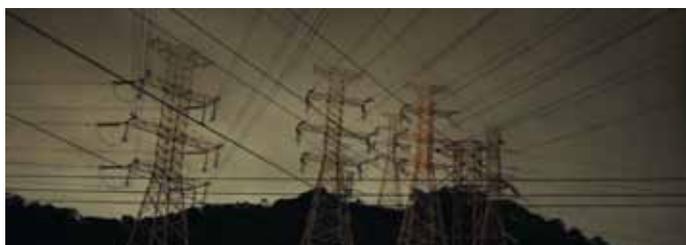
Piove, il film di pio

Thiago Brandimarte
Mendonça, 15',
Cor, Digital, 2012



Ritos de Passagem

Chico Liberato,
BA, 90', Cor,
Digital, 2012



Serra do Mar

Iris Junges,
SP, 15',
Digital, 2012



Versão francesa

Maya Da-Rin,
19', Cor,
Digital, 2012

Piove, il film di pio
“Piove” não é um retrato de Pio Zamuner, cineasta esquecido que dirigiu os doze últimos filmes do comediante Amácio Mazzaropi. É o estabelecimento de uma relação entre dois diretores e a explicitação de suas regras. O retrato de uma paixão compartilhada por duas gerações em um botequim da Boca. Mas quem dirige quem?

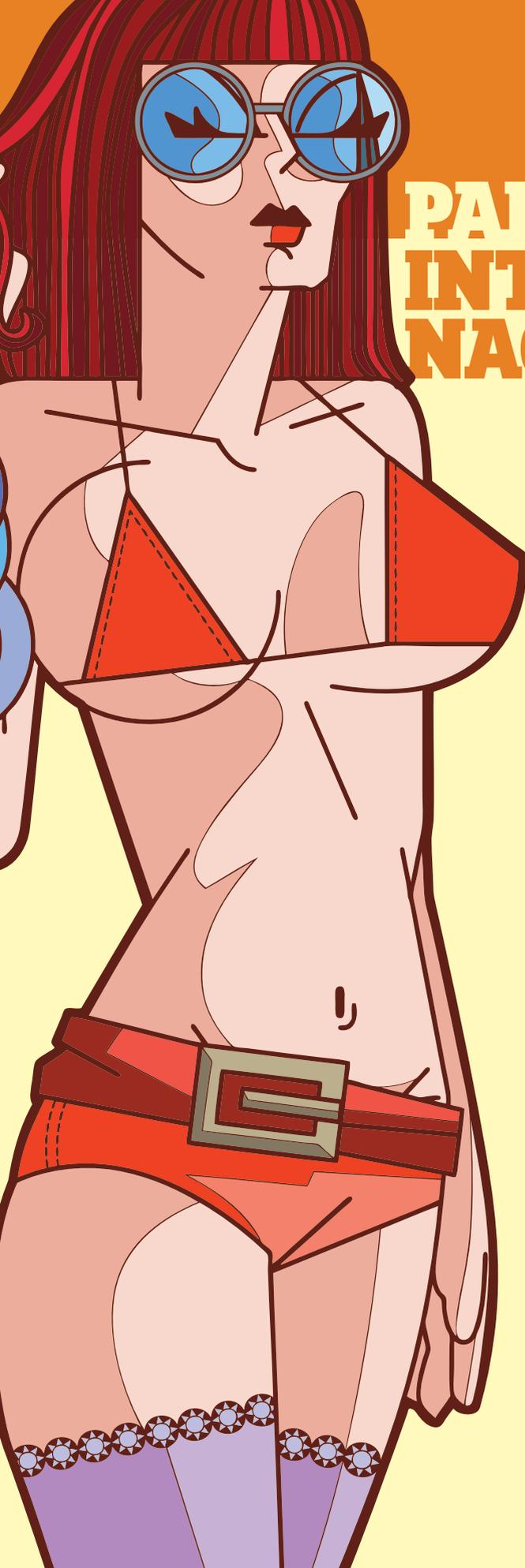
Ritos de passagem
“Ritos de Passagem” fala do Santo e do Guerreiro, símbolos de justiça e liberdade na cultura nordestina e sua luta pela afirmação do seu povo. Enquanto deixam os vivos na Barca de Caronte, perante o Anjo e o Demo, lembramos: o Guerreiro, as andanças com

o bando no sertão sem lei; o Santo, a peleja para construir uma vida libertária e farta. Vivos no imaginário do contexto sócio-cultural em que viveram, inspiram a expressão popular no cordel escrito e cantado pelos atos de bravura e solidariedade.

Serra do Mar
Jonas vigia as torres

de energia da Serra do Mar. Um incêndio ocorre na mata.

Versão francesa
“Versão Francesa” se apropria de diálogos de filmes franceses e acompanha uma situação recorrente no cinema. Um filme sobre as imagens e os clichês de um país estrangeiro, sobre a distância e a solidão.



PANORAMA INTER NACIONAL

Panorama Internacional



A caverna dos sonhos perdidos

Werner Herzog,
França, 90',
Cor, 3D, 2010



Crazy horse

Frederick Wiseman,
França/EUA,
130', Cor, 2011



Damaré

Annie Eastman,
EUA, 74', Cor,
Digital, 2011

A caverna dos sonhos perdidos
Werner Herzog conseguiu acesso exclusivo para filmar dentro da caverna de Chauvet, no sul da França, capturando as mais antigas criações pictóricas conhecidas da humanidade em seu impressionante cenário natural. Ele dá à tecnologia 3D um uso profundo, nos levando de volta no tempo cerca de 30.000 anos.

Crazy horse O grande documentarista Frederick Wiseman passou dez semanas com sua câmera explorando um dos lugares mais reverenciais à mulher, o Crazy Horse. Este lendário clube parisiense, fundado em 1951 por Alain Bernardin, com o tempo transformou-se em um "must" da vida noturna de Paris; uma meta inevitável dos turistas junto a Torre Eiffel e o Museu Louvre. O olhar impecável

de Wiseman nos leva neste templo internacional do mundo noturno, a descobrir como funciona o Crazy Horse: elegância, perfeccionismo, além de uma programação intensa (dois espetáculos por noite, três aos sábados, sete dias por semana). O filme segue os ensaios e as performances do novo show "DESIRS", com as

coreografias de Philippe Decouflé, os preparativos das bailarinas nos bastidores e as várias discussões e reuniões sobre o espetáculo e a administração do clube. O show "DESIRS" é um espetáculo artístico moderno, divertido e colorido. O melhor do "nude chic".

Panorama Internacional



Pietà
Kim-Ki-Duk, Coréia do Sul, 104', Cor, Digital, 2012



Tabu
Miguel Gomes, Portugal, 118', P&B, Digital, 2012



Violência e paixão

Luchino Visconti.
Itália, 120', 35mm, 1974

Da maré
Acompanha-se, ao longo de 6 anos, uma comunidade de moradores em palafitas em Salvador. Boa parte são mulheres, como Geni, a líder local, Jesus, que sonha conhecer um príncipe encantado, e Maria, catadora de lixo que cria 16 filhos. Uma ligação entre todas é Norato, electricista que supervisiona as precárias instalações elétricas. Além da precariedade das moradias, o plano do

governo de transferir o bairro cria nova instabilidade no horizonte.

Pietà
Um homem cruel (Lee Jung-jin) recebe dinheiro de devedores de uma forma ou outra. Um dia, uma mulher (Jo Min-Su) aparece na frente dele insistindo que ela é sua mãe. Vencedor do Leão de Ouro em Veneza.

Tabu
Uma idosa temperamental, a sua empregada cabo-verdiana e uma vizinha dedicada a causas sociais partilham o andar num prédio em Lisboa. Quando a primeira morre, as outras duas passam a conhecer um episódio do seu passado: uma história de amor e crime passada numa África de filme de aventuras.

Violência e paixão
Um professor aposentado (Burt Lancaster) vive sozinho em uma mansão na Roma dos anos 70, em meio à livros e quadros. Sua rotina é interrompida quando quatro pessoas de uma família desonrada alugam o andar de cima da mansão, invadindo sua vida de tal forma que ele esquece a única coisa que o preenchia: a arte. *Exibição de cópia restaurada.*

ANIMAGE



Animage – Festival Internacional de Animação de Pernambuco

O Animage - Festival Internacional de Animação de Pernambuco, é um evento que acontece anualmente nas cidades de Recife e Olinda. Em sua quarta edição, o Animage exibiu um vasto panorama da animação mundial, com foco em produções independentes e autorais, apostando na qualidade artística de cada filme. Através de uma parceria com o Panorama Internacional Coisa de Cinema, os premiados do festival serão exibidos pela primeira vez em Salvador.



Oh Willy...
Emma De Swaef e
Marc James Roels,
Bélgica, 16', 2012



Villa Antropoff
Kaspar Jancic e
Vladimir Leschiov,
Estônia, 13'04",
2012



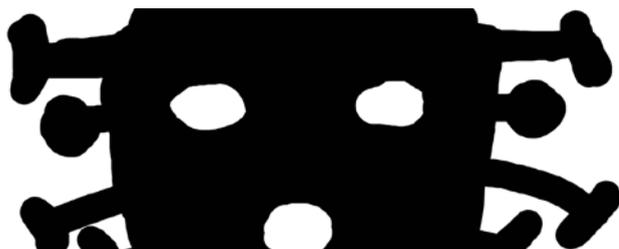
Linear
Amir Admoni,
Brasil, 6', 2012

Oh Willy...
Forçado a retornar para suas raízes naturalistas, Willy confunde o seu caminho com o da selvageria nobre. Prêmio de melhor direção e fotografia.

Villa Antropoff
Um homem não tem nada a perder, exceto seu sonho. Para torná-lo realidade, ele embarca numa jornada perigosa. Mas seu destino não é o que parece. Prêmio de melhor roteiro.

Linear
A linha é um ponto que saiu caminhando. Prêmio de melhor curta brasileiro.

Animage- Festival Internacional de Animação de Pernambuco



The banker
Phil Mulloy,
Reino Unido,
3', 2012



Nak-ta-deul
Park Jee-youn,
Coréia do Sul,
10'30'', 2011



**Una furtiva
lagrima**
Carlo Vogele, França,
3'08'', 2012



**Le grand
ailleurs et
le petit ici**
Michèle Lemieux,
Canadá, 14'25'', 2012

The banker
Mr. Christie não deixará Terry se associar à Sociedade do Fim do Mundo Maia.

Nak-Ta-deul
Anos depois de terminarem o relacionamento, um casal se reencontra. Ele a havia deixado para encontrar algo, mas até hoje está procurando. Após viver certas situações, ela se sente como se estivesse atravessando um deserto com seu corpo e coração gelados.

Una furtiva lagrima
A última viagem de um peixe enquanto ele canta sua própria morte, durante todo o caminho que percorre desde a sua venda no mercado de peixes até a frigideira.

Le grand ailleurs et le petit ici
Perdido em um devaneio, um homem reflete sobre o mundo em que vive, a partir da evolução da vida e das partículas atômicas que constituem a matéria, para o mistério da memória e do enigma da morte. Prêmio de melhor curta.

COMISSÃO DE SELEÇÃO



Cláudio Marques nasceu em Campinas, São Paulo, em 1970, e mora em Salvador desde 1982. Foi editor e crítico do jornal Coisa de Cinema durante oito anos (1995-2003). Foi o responsável pela programação da Sala Walter da Silveira (2007-2009). Criador do projeto de revitalização do antigo Cine Guarani/ Glauber Rocha, hoje Cláudio Marques é o coordenador do Espaço Itaú de Cinema – Glauber Rocha, complexo com quatro salas de cinema, desde 2009. É fundador e principal coordenador do Panorama Internacional Coisa de Cinema desde 2003, um dos mais importantes festivais de cinema do Brasil. Diretor, produtor e montador de 6 curtas metragens, entre eles Carreto (46 festivais e 22 prêmios) e Nego Fugido (32 festivais e 12 prêmios), além do longa em pós-produção Depois da Chuva. Todos foram co-dirigidos com Marília Hughes.



João Paulo Barreto é formado em Jornalismo pela Faculdade Social da Bahia. Teve sua graduação voltada para a análise cinematográfica com o aprofundamento monográfico da filmografia dos diretores Martin Scorsese e Fernando Meirelles. Participou, em 2009, do curso de direção e roteirização ministrado pelo cineasta Rubens Shinkai e, em 2009, 2011 e 2012, dos cursos de Teoria, Crítica e Linguagem Cinematográfica ministrado pelo crítico Pablo Villaça. Em 2011, fez parte do Júri Jovem da sétima edição do Panorama Internacional Coisa de Cinema e, na edição 2012, integra a curadoria do festival. Ainda em 2012, cumpriu o papel de assessor de imprensa na produção do longa de estréia dos cineastas Cláudio Marques e Marília Hughes, Depois da Chuva, que tem previsão para estrear em 2013. Escreve sobre cinema para o blog Película Virtual e para o site Coisa de Cinema. Diariamente, desde quando ainda era adolescente e resolveu se auto intitular “crítico de cinema”, tenta assistir (e escrever sobre) dois filmes ou mais. Missão árdua, mas cumprida de forma muito prazerosa.



Marília Hughes possui mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas (POSCOM) e graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. É coordenadora e curadora do Panorama Internacional Coisa de Cinema, que está em sua oitava edição. É diretora, roteirista e montadora do curta de ficção “Carreto” (2009) – prêmios de melhor filme e melhor roteiro no Festival de Gramado. Dirigiu “Nego Fugido” (2009) – melhor filme no V Seminário de Cinema da Bahia e melhor filme, melhor direção e melhor ator (Judevaldo dos Santos) na décima sexta edição do Festival de Cinema e Vídeo de Vitória. “Nego Fugido” também recebeu o prêmio de melhor montagem na segunda edição do Janela Internacional de Cinema de Recife. Assina a direção de “Sala de Milagres”, menção honrosa no Fest Film Amazonas, “Desterro” e “O Guarani”, melhor documentário no XV Festival de Cinema de Cuiabá, melhor montagem no VII RECINE - Festival Internacional de Cinema de Arquivo e melhor filme no I Festival do Júri Popular. Em 2012, rodou “Depois da Chuva”, seu primeiro longa-metragem em parceria com Cláudio Marques.



Rafael Carvalho é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, pesquisa a crítica cinematográfica de Walter da Silveira. Também escreve críticas para o weblog pessoal Moviola Digital (www.moviola-digital.blogspot.com) e colabora para o site Coisa de Cinema (www.coisadecinema.com.br) Em 2011, venceu o Concurso Estadual de Estímulo à Crítica de Artes, na categoria audiovisual, e fez parte do Júri Jovem do VII Panorama Internacional Coisa de Cinema. Foi comentarista do projeto Janela Indiscreta Cinema: Eis a Questão e um dos organizadores do Cineclube Segundo o Cinema, em Vitória da Conquista.



Rafael Saraiva, mesmo graduado em Bacharelado em Ciência da Computação, sempre teve muita paixão pelo cinema, o que o motivou a se aventurar pela área do audiovisual. Participou de diversos workshops e oficinas relacionadas a mídias móveis, roteiro e produção de vídeos utilizando ferramentas livres. Especificamente na área da crítica cinematográfica, fez cursos com os críticos Pablo Villaça (portal Cinema em Cena) e João Carlos Sampaio (jornal A Tarde), este último acontecido durante o VII Panorama Internacional Coisa de Cinema. Nessa mesma edição do festival, teve a oportunidade de integrar o Júri Jovem da Mostra Competitiva. Atualmente escreve textos para o site do Coisa de Cinema.

EQUIPE

Coordenação Geral: **Cláudio Marques e Marília Hughes**

Curadoria: **Cláudio Marques, João Paulo Barreto, Marília Hughes, Rafael Carvalho e Rafael Saraiva**

Curadoria pornochanchada: **Adolfo Gomes**

Produção e receptivo: **Joana Giron**

Tráfego dos filmes: **Flávia Santana**

Produção, oficinas e debates: **Tais Bichara**

Projeção: **Juan Martin Rosende**

Divulgação e Festas: **Maurício Oliveira**

Assistente de receptivo e transporte: **Michele Perroni**

Produção Cachoeira: **Daniela Fernandes**

Programação Visual: **Pierre Themotheo e Fabio Abreu**

Assessoria de Imprensa: **Jane Fernandes (Quarta Via – Assessoria de Comunicação)**

Hot Site: **Fábio Farani**

Troféu: **Luis Parras e Mark Dayves**

Cobertura Fotográfica: **Agnes Cajaiba**

Vinheta: **Anouk Dominguez-Degen**

Legendas eletrônicas: **Bernardo Machado**

Cobertura de Vídeo: **Brisa Dultra e Yuri Rosat**

Coisa de Cinema: Rua Professor Rômulo Almeida, nº 8 - Acupe

de Brotas - Salvador - Bahia - Brasil - CEP: 40290-030

Telefones / Produção: 55 71 3276 1241 / **Bilheteria do**

Espaço Itaú de Cinema - Glauber Rocha: 55 71 3011 4706 /

Produção: 55 71 8104 9656 / **Produção:** 55 71 8101 6004 /

Sala Walter da Silveira: 55 71 3116 8100



AGRADECIMENTOS

Adhemar Oliveira, Beatriz Schmidt, Elias Olive (Imovision), Silvia Cruz (Vitrine Filmes), Jairo Nogueira (Califórnia Filmes), Fabiano Gullane (Gullane), Caio Gullane (Gullane), Manuela Mandler (Gullane), Thaisa Oliveira (Cinemateca), Pola Ribeiro (IRDEB), Gorette Randam (IRDEB), Albino Rubim (SECULT), Carlos Paiva (SECULT), Junia Leite (SECULT), Vaguinaldo Marinheiro (A Tarde), Cyntia Nogueira (UFRB), Danilo Barata (UFRB), Georgina Gonçalves (UFRB), Tatá K'wo N'Kese Mutá Ime, Adolfo Gomes, Tatti Carvalho e toda equipe da Dimas, Marilda Cristina Galindo (BNB), José Francisco Serafim e grupo do Laboratório de Análise Fílmica - PósCom - UFBA, Tenille Bezerra e projeto Lanterna.





Apoios



Apoio financeiro



Patrocínio



Realização

